

DEMARCAÇÃO DEMORADA

Fazendas cercam os Parecí

As fazendas apertam o cerco contra o território habitado pelos Parecí, a Noroeste de Mato Grosso - e cada vez com mais violência. Isso leva os índios a uma resistência com redobrada coragem, segundo seus líderes. E essa força converge para uma irreduzível exigência à Funai: a comunidade Parecí quer a demarcação urgente de suas terras, mesmo porque o órgão tutor recebeu propostas de demarcação elaboradas por quatro comissões coordenadas por ele próprio - rejeitadas por motivos inexplicados - além da original proposta indígena. As fazendas aproveitam-se dessa indecisão, espremendo sistematicamente as terras dos Parecí. Lá estão os grupos Sudamata, Itaipú, Santa Tereza e Santa Vitalícia.

Essa situação pode ser sentida através do relatório elaborado por uma das quatro comissões designadas pela Funai, que sugere a demarcação da área. A proposta dessa comissão seque o que foi discutido em uma reunião com a comunidade Parecí: um levantamento das áreas "efetivamente ocupadas pelo povo Parecí" e três áreas fora da reserva, ao sul da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho). Essa proposta, "esquecida" pela Funai, é o mais novo capítulo de uma novela que se estende há mais de uma década, mais precisamente desde 1.968, quando surgiu a primeira proposta concreta de demarcação para as terras Parecí.

Inoperância

Apesar das inúmeras propostas de demarcação a Funai não tomou, em toda a história do litígio, qualquer medida que evitasse a invasão das terras pelas fazendas, muito menos, para expulsar as propriedades que já se estendem por território indígena. O exemplo mais claro é o caso da fazenda Sudamata, que se instalou na região do rio Formoso no final da década de 60. Os fazendeiros celebraram um acordo "de cavalheiros" com a Funai, garantindo liberdade aos proprietários na exploração das terras.

Os Parecí, porém, rebelaram-se contra esse pacto e romperam-no: "antes tarde do que nunca. Queremos assegurar as terras que sempre nos pertenceram", gritaram os índios, exigindo o respeito ao seu direito inalienável àquelas terras. Mesmo com o rompimento do ajuste, no entanto, os Parecí nunca mais tiveram sossego, com a Sudamata, realizando investidas sistemáticas em seu território - é o mais frontal desrespeito à auto-determinação dos indígenas, que estão dispostos a reaver importantes áreas, como o Barreiro e a mata que circunda a fazenda, terras que fazem parte do habitat natural dos Parecí.

Para se ter uma idéia de até onde vão as pretensões da fazenda Sudamata, basta citar um caso que indignou os índios: recentemente, os fazendeiros passaram um encanamento por sobre a roça cultivada pelos indígenas, para bombear água da cabeceira do Rio Bonito para a sede da fazenda, isso sem consultar as lideranças da comunidade.

Os Parecí reclamaram e não obtiveram sucesso depois das primeiras ameaças. Resultado: a revolta levou os índios a destruírem o trabalho dos fazendeiros, arrancando as tubulações.

O problema dos Parecí não se resume, porém, ao assédio da Sudamata: presentes à região do rio Formoso estão as fazendas Itaipú e Santa Vitalícia. No caso da Itaipú, o grave conflito começou há cerca de três anos, e agravou-se gradativamente com o avanço sistemático das divisas da fazenda sobre as terras indi-

genas. A grilagem chegou ao cúmulo de atingir diretamente a Aldeia Queimada - consta que o proprietário da fazenda vendeu as terras dos Parecí. Houve revolta, os roçados estão abandonados, mas o impasse - garantem os índios - continuará até que, finalmente, seja definida de uma vez por todas a área reservada ao seu povo. Para agravar a situação, há denúncias de aliciamento de mão-de-obra indígena, conseguida geralmente mediante promessas não cumpridas e salários baixíssimos.

Outra aldeia Parecí que enfrenta a voracidade dos fazendeiros é a da Cabeceira do Osso. Ali, o conflito com a fazenda Santa Tereza iniciou-se em meados de 1.980, com o avanço da propriedade ultrapassando o Paralelo 14. A Santa Tereza tem certidão negativa expedida pela Funai em 76, mas sem efeito prático. Os responsáveis pela quinta Delegacia Regional da Funai, pressionados pelos índios, já chegaram a ameaçar os fazendeiros de usar a polícia para evitar a ocupação indiscriminada, coisa que nada adiantou. Tanto que, embora a sede da fazenda esteja a 25 quilômetros da aldeia, do ponto onde os índios vivem já é possível avistar a última cerca colocada pelos peões dos fazendeiros.

Desta vez os índios também reagiram e levaram, da fazenda, dois tratores para seu uso.

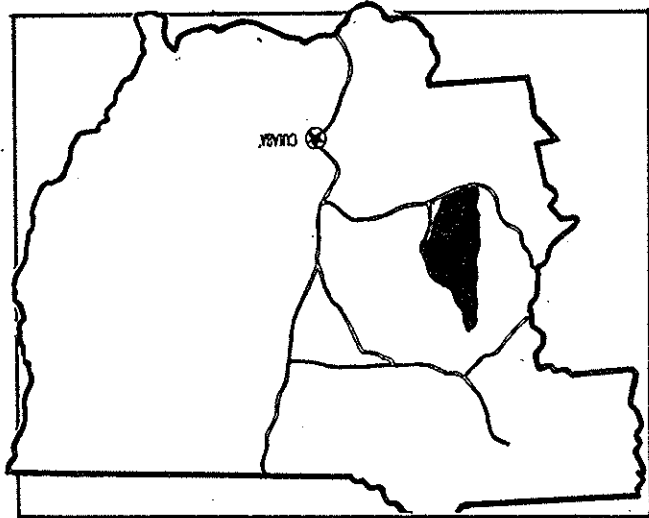
Suborno

Praticamente na mesma situação de incerteza estão os Parecí da Aldeia Capitão Brito, que vinham sofrendo constantes ameaças de expulsão e morte pelos fazendeiros. Os índios da família Brito, porém, resistiram a essas ameaças. Seguindo exemplo superior, os fazendeiros mudaram de tática: passaram a usar de suborno para garantirem seus interesses.

Houve certo sucesso nesse novo método: por 200 sacos de arroz, a família Brito resolveu mudar-se da área da reserva. Há também nessa área as fazendas Branca e Colorado, que têm títulos de propriedade e possuem uma prática agrícola intensiva. Como um mal atrai outro, a presença dessas posses nas proximidades das aldeias indígenas tem causado sérias ameaças, inclusive de morte, às lideranças e à comunidade em geral. Na área de Capitã Generoso, além da Fazenda Branca já estão presentes alguns grileiros, o que está agravando sensivelmente a luta pela posse da terra.

O relacionamento dos Parecí com a civilização branca já vem de muito tempo. O maior problema desse contato foi o direcionamento dado à integração: os índios passaram a ser usados como mão-de-obra barata, servindo a fazendeiros e a proprietários de bares e postos de gasolina, notadamente a partir da chegada da BR-364. Atualmente, a situação é diferente e tende a gerar uma auto-valorização por parte dos índios: já há uma organização indígena contra a fazenda e a exploração, aliada à consciência da necessidade que têm de garantir a justa demarcação de suas terras e resguardá-las da cobiça dos fazendeiros e latifundiários.

Não existe um posto da Funai na área Parecí, conforme mostra o próprio relatório do grupo de trabalho do órgão. É que os índios rejeitam a presença da Funai enquanto não for realizada a demarcação de seu território. Os contatos do povo Parecí com o órgão tutor, através da quinta DR, em Cuiabá, se restringe à comunicação mantida pelo capitão da aldeia Kotitiko, João Garimpeiro, pelo índio Daniel Cabixí, por João Arzumare e por Camilo Zonizokai, entre outros. A Funai admite que a rela-



No mapa de Mato Grosso, a área habitada pelos Parecí.

ção órgão/Parecí, é mínima, não existindo qualquer possibilidade no momento para que se torne mais efetiva.

Em termos de política tribal, isso é facilmente explicado: o povo Parecí é marcado por uma não centralização da chefia e uma forte cisão. Cada família tem seu capitão e seu poder não transcende os limites da aldeia, sendo transmitido hereditariamente do chefe para um de seus filhos ou para seu genro. A organização social é baseada na família extensa (o caso da família Brito, atacada pelos fazendeiros na Aldeia Capitão Brito), com divisão de trabalho entre os sexos. Os Parecí tem grande mobilidade na área que ocupam, em decorrência da qualidade da terra, bastante variável, e das cisões políticas, que levam à formação de novas aldeias. Dessa forma, a área atualmente não utilizada poderá amanhã estar plenamente ocupada desde que não se consiga produzir o suficiente para a subsistência do grupo familiar ou uma divisão os obrigue a constituir novas aldeias.

Atualmente, os Parecí formam uma nação com 553 pessoas, distribuídas por várias aldeias. Historicamente, é um povo afetado por interesses escusos aos seus.

Um exemplo: em 1.979, foi publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, o edital para demarcação da área indígena do Rio Formoso, que excluiu a atual aldeia de Formoso e a Aldeia de Queimada, além do Barreiro e outros agrupamentos antigos. Não chegou-se a iniciar a demarcação, porém.

Na atual proposta de demarcação, feita pelo grupo de trabalho da Funai, estão incluídas essas aldeias, além de outras que se formaram no decorrer do tempo, abrangendo um total de um milhão de hectares. Como era esperado, a Funai engavetou a proposta.

É como dizem os próprios Parecí, em um documento, lembrando das inúmeras propostas de que foram alvo: "Estamos cansados de grupos de trabalho que nos perguntam as mesmas coisas..."

Burocracia só envergonha

A carta que os líderes enviaram à Funai, foi chamada de "último recurso". Eles esperam que a equipe do órgão tutor como "brasileiros e militares disciplinados que são" respeitem "o que está escrito nas leis": Constituição Federal, Convenção de Genebra e Estatuto do Índio. Abaixo transcrevemos os seus principais trechos:

"Estivemos durante todo dia de ontem procurando dialogar com aquelas pessoas que o Ministro do Interior elegeu para proteger nossos direitos. Sentimos que estas pessoas (...) que a nação paga para trabalhar por nós, ora são surdos, ora são brutos para o objetivo único e último do seu trabalho que cremos, somos nós, os índios. Também devemos dizer que embora alguns mostrem boa vontade em atender nossas aspirações são totalmente importantes e desacreditados (...).

"Ontem passamos horas amargas dentro dessa que deveria ser nossa casa. Fomos recebidos como alguém que não sabe o que quer e desde o mais baixo funcionário da casa nos tratou como se fôssemos crianças, tendo eles demonstrado impaciência em ouvir nossa triste situação, só esperando a hora de irmos embora, para respirarem aliviados.

"(...) Hoje somos nós os Parecí (...) na semana passada foram os Tapirapé e outros amanhã ou depois, os culpados de a Funai ter tanta dor de cabeça (...) nós que por infelicidade da atuação da Funai, tem consciência da situação em que nos encontramos.

Estamos cansados de sermos bonecos, (...) de sermos desrespeitados (...), de ouvir que somos influenciados por outros como se fôssemos caníços balançados pelo vento. Estamos cansados de promessas. Estamos cansados de Grupo de Trabalho que nos perguntam as mesmas coisas e quando chegam aqui em Brasília, outras pessoas com total desconhecimento da nossa vida, da nossa sociedade (...) se outorgam no direito de decidir o que interessa a nós.

MAL RECEBIDOS

"Essa rede burocrática está nos envergonhando pois saímos de nossas aldeias como chefes e líderes e quando aqui chegamos somos recebidos como desordeiros e crianças e o pior, como criadores de caso. Chega Presidente, já é hora de mostrar se esta casa ainda pode se recuperar de tantos males.

"(...) Esses grupos de trabalho jamais conseguiram fazer com que nossas aspirações fossem levadas em conta, tanto assim que enquanto assistimos aguardamos o desembaraçar da rede burocrática que é lenta (...) assistimos também o rápido avanço da sociedade nacional sobre nosso território como a BR-364 que vai ser logo asfaltada.

"Sabemos que o conceito que defendemos com relação ao nosso território não combina como o conceito de "progresso" que a sociedade nacional interpreta, por isso se exigimos os nossos territórios é para sobreviver como um povo distinto, com características culturais próprias.

"Sabemos que há um isolamento entre esta casa e a 5ª DR, em Cuiabá" tivemos a comprovação disso, quando fomos obrigados a fazer longo relato verbal aos funcionários daqui de Brasília sobre os primeiros sinais de atritos.

UM PEDIDO A SOLUÇÃO

"Fatos como o nosso, deixam sombras de dúvidas em vermos um futuro de solução para os nossos problemas, mas insistimos ainda em que esse pedaço de papel com nossa reclamação tragam para nós num curto espaço de tempo uma resposta oficial por parte da Funai como nossa tutora à qual fazemos em nome da comunidade dos índios Parecí. A história como nossos antepassados foram massacrados pelos seus antepassados e hoje como tutelados queremos que o senhor como tutor não somente ouça mas haja em nossa defesa confirmando os nossos direitos como índios e como brasileiros.

Brasília - DF, 15 de setembro de 1981.

